

CARDOSO, E.A. “Os prefixos negativos: criação e expressividade na poesia de Drummond”. In: *Filologia e Lingüística Portuguesa* 8. São Paulo, 2006, p. 11-22.

## OS PREFIXOS NEGATIVOS: CRIAÇÃO E EXPRESSIVIDADE NA POESIA DE DRUMMOND

Elis de Almeida Cardoso\*

**RESUMO:** A prefixação é um processo produtivo no português contemporâneo. Anexados a uma base, os prefixos dão-lhe significados variados. Dentre vários tipos de criação lexical, encontram-se na obra de Drummond criações formadas por prefixação. Além de destacar os neologismos drummondianos, analisamos a força expressiva das criações lexicais formadas por prefixos negativos.

**Palavras-chave:** Drummond; prefixos negativos; criação lexical; expressividade

### 1. INTRODUÇÃO

A prefixação é o processo de formação de palavras por meio do qual se acrescenta a um radical ou base um prefixo. As gramáticas e os manuais que trabalham a morfologia apresentam ao estudioso uma lista de prefixos, seus significados e suas origens. Na verdade, o prefixo é um morfema gramatical derivativo e, por isso, dependente. Alguns prefixos, entretanto, apresentam um grau maior de independência e acabam por ser chamados de *prefixóides* ou falsos prefixos.

Para Herculano de Carvalho (1974, p. 548), os prefixóides distinguem-se dos demais prefixos por possuírem, além de um grau de independência mais acentuado, “uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma”. Celso Cunha (1985, p.111-2) concorda com Herculano de Carvalho e apresenta uma lista de pseudoprefixos da qual constam: **arqui-, macro-, micro-, mini-, multi-, pluri-**, entre outros.

Segundo Alves (1990, p. 15), “não há uma unanimidade, na língua portuguesa, quanto ao número e à natureza dos morfemas prefixais”. A autora considera como prefixos as partículas independentes ou não-independentes que, “antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma idéia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série”.

Sandmann (1992, p. 37) compartilha dessa idéia, afirmando:

“o que distingue o prefixo [de um radical] é o fato de ele expressar uma idéia geral, idéia expressa por preposições (*sem-vergonha, co-ministrar*), advérbios (*rebatizar, não-alinhado*) e adjetivos: *superdocentes, não-tecido* (...), ficando excluídos os substantivos e verbos, que expressam idéias particulares, com destaque, aqui, àqueles: *logomania, logopedia, psicologia, psicografia*”.

A prefixação é um processo extremamente produtivo no português contemporâneo. Anexados a uma base, os prefixos dão-lhe significados variados, como o de grandeza (**super-, hiper-**), de exagero (**mega-**), de oposição (**contra-**), de pequenez (**mini-, micro-**), dentre outros.

Essa produtividade, lembra Alves (1990, p. 28), deve-se, em muitos casos, a um desejo de economia discursiva por parte do falante:

“Uma frase negativa, expressa por um prefixo, torna-se mais econômica do que uma construção sintática negativa. Assim, a negação lexical permite frases como ‘policiais não-violentos’ e ‘entidades ligadas aos sem-terra’, ao invés de frases sintaticamente mais complexas do tipo ‘policiais que não são violentos’ e ‘entidades ligadas a aqueles que não possuem terras’.<sup>1</sup>

---

\* Universidade de São Paulo

<sup>1</sup> Alves (1990, p. 15-7) chama a atenção para o fato de **não-** e **sem-** não serem ainda reconhecidos por gramáticos e lexicógrafos como morfemas prefixais. Para a autora, **não-** “prefixa-se a bases substantivas e adjetivas a fim de negar-lhes totalmente o significado” e **sem-** “antepõe-se a bases substantivas e tem produzido alguns neologismos substantivos em que é negada totalmente a idéia expressa pela palavra-base”.

## 2. AS CRIAÇÕES DRUMMONDIANAS FORMADAS POR PREFIXOS NEGATIVOS

**a-**

Com idéia negativa (*não*), o prefixo **a-** é erudito e une-se, em grande parte das vezes, a adjetivos. No *corpus* encontramos uma ocorrência em que aparece esse prefixo unido a uma base substantiva: **a-gosto**.

“Quando contemplo teu rosto  
este amor a contragosto  
fermenta de ácido mosto  
e no meu rosto de couro,  
no meu cavername rouco  
um dó de mim, um **a-gosto**  
me punge, queima de agosto.”

Ao formar **a-gosto** (*Letra amarga para uma modinha – Viola de bolso*), o poeta estabelece um jogo de palavras: *gosto, desgosto, contragosto, a-gosto, agosto*. Conforme o título avisa, a letra para a modinha é amarga; logo, uma carga de negatividade pode ser encontrada nas palavras escolhidas. Uma vez que a *ausência de gosto* a que o poeta se refere já é vislumbrada nas palavras *desgosto* e *contragosto*, que constam do dicionário, CDA, para acentuar essa ausência e essa negação, cria **a-gosto** e faz um jogo com *agosto* (mês), indicando quando ocorre essa, denominada por ele, “queima” interior.

**anti-**

O prefixo **anti-** significa basicamente *contra* e é exatamente esse o significado da formação drummondiana **anti-petendam**, encontrada no poema *Caso pluvioso (Viola de bolso)*.

No poema, o eu-lírico se desespera por causa de uma chuva incessante. Para fazer com que a chuva parasse, cânticos que se dirigiam contra ela foram ouvidos. O autor cria, a partir do gerundivo latino *petendam* (*que deve ser pedida*), a forma **anti-petendam**. Numa analogia aos cânticos feitos para pedir chuva, sobretudo em regiões de seca (*ad petendam pluviam*), Drummond utiliza a forma **anti-petendam**, referindo-se aos cânticos que imploravam a parada da chuva. Seriam ouvidos, na verdade, cânticos anti-chuva:

“Os seres mais estranhos se juntando  
na mesma aquosa pasta iam clamando

contra essa chuva estúpida e mortal  
catarata (jamais houve outra igual).

**Anti-petendam** cânticos se ouviram.  
Que nada! As cordas d’água mais deliram,

e maria, torneira desatada,  
mais se dilata em sua chuvarada.”

Entretanto, na formação **antimúsica**, retirada do poema *Beethoven (As impurezas do branco)*, vê-se um novo sentido atribuído ao prefixo **anti-**, que é o de ruim ou de má qualidade.

“Meu caro Luís, que vens fazer nesta hora  
de **antimúsica** pelo mundo afora?

Patética, heróica, pastoral ou trágica,  
tua voz é sempre um grito modulado,  
um caminho lunar conduzindo à alegria:”

Nesta hora de **antimúsica**, ou seja, numa época em que as pessoas não valorizam as coisas boas, numa época em que os homens são surdos e não captam “o amor doado em sinfonia e paz”, o

poeta pergunta a Ludwig van Beethoven, um dos maiores compositores clássicos da humanidade, tratado no texto por Luís, o que vem ele fazer no mundo.

O mesmo sentido de algo ruim pode ser encontrado no vocábulo **anti-rostó** (*Viola de bolso*), encontrado no já mencionado poema *Letra amarga para uma modinha*:

“Se te contemplo, em teu rosto  
não me contemplo a meu gosto  
pois teu semblante está posto  
numa linha de sol-posto  
em que por dentro me morro.  
Morro de ver em teu rosto  
o fel de teu **anti-rostó**.”

Como o próprio título do poema sugere, é o amargor que predomina no coração do poeta. O rosto contemplado é um **anti-rostó**, pois só traz desgosto, contragosto e sofrimento. Os males causados ao poeta por essa pessoa resumem-se no prefixo **anti-**.

#### **contra-**

**Contra-** é um prefixo que tem o significado geral de *contrário*. Além das formas dicionarizadas, encontramos no *corpus* a formação de **contravontades** em *Ao deus Kom Unik Assão (As impurezas do branco)*.

No texto, o sentido do prefixo não é simplesmente o de *contrário*, mas também o de *algo ruim ou mau*. Há, na verdade, a idéia de sofrimento: “a carne pisoteada de cavalos/reclama pisaduras mais” e a vontade exige **contravontades**. Esse sofrimento, entretanto, parece algo fundamental, um verdadeiro vício, sem o qual as pessoas não poderiam viver.

“A vontade sem vontade encrespa-se exige  
**contravontades** mais.  
E se consome no consumo.”

#### **des-**

O prefixo **des-** indica separação, transformação, intensidade, ação contrária, negação, privação. Segundo o *Aurélio*: “Assume, às vezes, caráter reforçativo: *desafastar, desaliviar, desapagar, desbarrancado, desborcar, desencabritar, desinfeliz, desinquieta, desinquieta, desinsofrido, desnudez, despelar*; e, em um caso (pelo menos), reiterativo: *deslavar*”.

Segundo Martins (1997, p. 121), “é com certeza o prefixo mais produtivo, mais popular, e desde as cantigas de escárnio já revelava a sua vitalidade”.

Na obra poética drummondiana esse prefixo aparece inúmeras vezes em formações dicionarizadas como: *desamado, desamar, desamor, destramar, desaprender, desenfado, desesperança, desimportante*, entre outros.

Dentre as formas não dicionarizadas, no poema *A torre sem degraus (A falta que ama)*, encontra-se a criação **desamorando**. O poeta nos diz que em dois dos andares da torre vivem “amorosos sem amor”. Logo, se não há amor, os amorosos não podem viver amando. Eles só podem viver **desamorando**. Cumpre lembrar que o verbo *amarar* tem o significado de “fazer retirar, afugentar, esconder, ocultar, sonegar”. O poeta, entretanto, usa o verbo *amarar* por *amar* e cria **desamorar** com o significado de *não amar*:

“No 4º, no 7º, vivem amorosos sem amor, **desamorando**.”

Com **desbriga**, percebe-se claramente a idéia de *ação contrária*. Ao substantivo *briga* é acrescentado o prefixo **des-**, que dá à nova palavra a idéia de se voltar atrás, fazer as pazes. A criação pode ser encontrada no subtítulo do poema *Briga e desbriga (As impurezas do branco)*.

Já com **desexprimo** (*Ao deus Kom Unik Assão - As impurezas do branco*), a idéia de privação é muito forte. É o não poder, não conseguir exprimir-se que se manifesta nessa criação lexical. Aquele que engole as idéias do Deus *Kom Unik Assão* só consegue **desexprimir**, ou seja, deixa de ter idéias próprias:

“Vossa pá lavra o chão de minha carne

e planta beterrabos balouçantes  
de intenso carneiral belibalentes  
em que disperso espremo e *desexprimo*  
o que em mim aspirava a ser eumano.”

Em *A um hotel em demolição (A vida passada a limpo)*, encontra-se o verbo *desmorar*, criado por Drummond como um antônimo para o verbo *morar*. O objetivo do poeta é mostrar que ele mora e *desmora* no “Grande Hotel do Mundo”, como hóspede de si próprio:

“Estou comprometido para sempre  
eu que moro e *desmoro* há tantos anos  
o Grande Hotel do Mundo sem gerência

em que nada existindo de concreto  
- avenida, avenida - tenazmente  
de mim mesmo sou hóspede secreto.”

**in-**

Embora existam dois prefixos **in-** com significados diferentes, “um com significação negativa e outro com o significado de **en-**” (Sandmann, 1989, p.21), no *corpus*, em todas as ocorrências, criadas por Drummond, notamos a presença do significado negativo.

É extremamente comum, em português, que o prefixo **in-** seja anexado a uma base adjetiva em **-vel**, proveniente de um verbo. O dicionário registra muitas dessas ocorrências, mas não registra outras tantas, que podem ser consideradas formações neológicas. No *corpus* encontramos, dentre outras, as seguintes formações: *impublicável*, *incochilável*, *infazível*, *infreqüentável*.

Em contextos diferentes, essas criações mostram uma espécie de lamento do poeta.

Embora sejam comuns, os adjetivos *impublicável* e *infreqüentável* ganham um novo impulso semântico. Em *Apelo a meus dessemelhantes em favor da paz (Viola de bolso)*, verifica-se a presença de *impublicável*. A opinião do “urso-polar” – caçado e trazido vivo para uma conferência – e a do poeta são impossíveis de serem publicadas, mesmo que repórteres insistam. Essas opiniões, mesmo sem serem formuladas, são contraditórias e loucas. Como não foram formuladas, não podem ser publicadas. Tem-se, então, algo *impublicável*. A ironia do poeta contra o fato, a notícia, o publicável, é evidente:

“Não lhe, não me peçam opinião  
que é *impublicável* qualquer que seja o fato do dia  
e contraditória e louca antes de formulada.”

Quando se pensa em um lugar *infreqüentável*, imagina-se um lugar com características negativas, inviável, onde a freqüência, no sentido de *a permanência* é desagradável. Drummond, entretanto, faz um jogo com essa palavra, dando a ela outro significado, no poema *Redator de plantão (Esquecer para lembrar)*. O poeta é um redator que trabalha durante a madrugada, um redator oficial, impossibilitado de ir a concertos ou óperas, já que essas apresentações ocorrem sempre em seu horário de serviço. Quando finda seu trabalho, o teatro, para ele impossível de ser freqüentado (*infreqüentável*), dorme:

“De madrugada, findo o meu trabalho,  
eis dorme Clara Weiss no Grande Hotel,  
dorme Franz Lehar na lembrança musical  
de muitos, dormem lustres, mármore, sanefas  
do *infreqüentável* Teatro Municipal,  
e eu transporto para casa esse remorso  
de ser escriba, inconvicto escriba oficial.”

*Incochilável* - encontrada no poema *Dormitório (Esquecer para lembrar)* - é uma “qualidade” dada ao “irmão-vigilante” que toma conta do dormitório de meninos num colégio interno, uma “prisão de luxo”, segundo o poeta. Esse guardião é *incochilável*, sequer cochila para dar liberdade, pelo menos, ao grande sonho do menino: a fuga. Convém notar o caráter ativo desse adjetivo: o irmão *incochilável* é o irmão que não *cochila*:

“No azul mortiço de oitenta camas, bóiam saudades  
de longes Estados, distintas casas, tantas pessoas.  
*Incochilável*, o irmão-vigilante também passeia  
sob cortinas sua memória particular?”

No poema *Declaração em juízo (As impurezas do branco)*, o poeta cria as formas virtuais *infeito* e *infazível*, mostrando que nada pode ser feito nem a seu favor nem contra ele, uma vez que não existe uma técnica para fazer nem para desfazer o que não foi feito – o *infeito* – porque não é possível fazê-lo – o *infeito é infazível*.

“Nem há técnica  
de fazer, desfazer  
o *infeito infazível*.”

Com a criação *inkomunikhassão* (*Ao deus Kom Unik Assão - As impurezas do branco*), o poeta quer mostrar que, se as informações são manipuladas por um deus poderoso, deixa de haver comunicação, ou pior do que isso, existe a *anticomunicação*, chamada por ele de *inkomunikhassão*. Percebe-se que o prefixo **in-** une-se a uma base substantiva:

“Senhor! Senhor!  
quem vos salvará  
de vossa própria, de vossa terrível  
estremendona  
*inkomunikhassão*?”

#### **não-**

O prefixo **não-**, de caráter negativo, é um dos mais produtivos na formação de novos itens léxicos. Não é reconhecido por muitos gramáticos como prefixo, mas une-se a bases substantivas – *não-hóspede* –, adjetivas – *não-violento* – ou verbais (particípio) – *não-filiado* –<sup>2</sup> com o objetivo de negar-lhes o significado.

Ao negar o significado dessas bases, o prefixo nega também suas características. O domingo, por exemplo, é o dia do descanso, um dia que se pretende feliz. No poema *O domingo e a norma (Esquecer para lembrar)*, o menino comportou-se mal e recebeu um castigo: não sair no domingo. Preso em casa, o dia demora a passar, é aborrecido. Pensa nos outros lá fora, livres, e vai vivendo o seu *não-domingo*. Um dia que perdeu, para ele, todo o encanto de um domingo:

“Que aventura doida  
no domingo livre  
estarão desfiando  
enquanto eu sozinho  
contemplo escorrer  
a lesma infundável  
do meu *não-domingo*?”

Com a criação *não-Laforgue* (*Eclipse - Versiprosa*), que aparece adjetivando o substantivo verso – “Era preciso? fazer um verso *não-Laforgue*/ à base desse novo sentimento” – tem-se a idéia de negação, não aplicada ao substantivo Laforgue, poeta francês, autor de *Les Complaintes*, e um dos criadores do verso livre. O verso *não-Laforgue* é um verso com características diferentes das características utilizadas pelo poeta francês, provavelmente um verso sem estilo impressionista, com rimas e métricas:

“Era preciso?  
fazer um verso *não-Laforgue*  
à base desse novo sentimento  
de lua omissa, *Miss*  
sem desfile, sem isso  
nem aquilo, só sumiço, lua eclipse.”

---

<sup>2</sup> Os exemplos foram retirados de Alves (1990, p. 15).

O prefixo aparece, também, unido ao infinitivo substantivado em: *não-estar*, *não-fazer*, *não-morrer-morrído*, *não-poder*, *não-saber* e a formas verbais flexionadas e substantivadas em *não-acaba*, *não-quero*, *não-ter-sido*. O valor de advérbio de negação é mantido em *não-vê*, apesar do uso do hífen.

#### **sem-**

Assim como as preposições *sobre* e *contra* adquirem o *status* de prefixos, pode-se dizer que, hoje em dia, **sem-** adquiriu a mesma posição, embora não seja reconhecido como morfema prefixal por gramáticos e lexicógrafos, conforme lembra Alves (1990, p.17). Na verdade, em época de crise social, é um elemento que impulsiona a criação de muitas palavras novas: *sem-terra*, *sem-teto*, *sem-saúde*, etc. Ao lado de formas dicionarizadas como *sem-amor*, *sem-dinheiro*, *sem-família*, *sem-vergonha*, *sem-razões*, Drummond cria muitas palavras com o auxílio de **sem**, mantendo a idéia de privado de-: *sem-fio*, *sem-jeito*, *sem-país*, *sem-palavra*, *sem-perfume*, *sem-remédio*, *sem-rumo*, *sem-sentido*, *sem-sono*, *sem-tempo* e *sem-véu*.

### **3. CONCLUSÃO**

Nota-se que as lexias criadas para um contexto específico, como é o caso das criações drummondianas, são extremamente motivadas. Nelas interagem significante e significado com o objetivo de se obter expressividade.

Cada prefixo unido a uma base aparece num momento específico. Nosso objetivo foi mostrar as criações e verificar por que elas trazem ao texto expressividade. Cumpre ressaltar que o poeta não inova em relação ao significado dos prefixos. É o resultado de uma união inesperada entre prefixo e base que surpreende o leitor.

### **BIBLIOGRAFIA**

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo - Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. v I e II.
- CARVALHO, José Herculano. *Teoria da linguagem*. Coimbra: Atlântida, 1974, v II.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio Século XXI. O Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à Estilística*. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1997.
- SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Ed. da UFRP, 1989.
- *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

**ABSTRACT:** *Prefixation is a productive process in the Portuguese. Joining a basis, the prefixes give it different meanings. Amongst several kinds of lexical creations, those formed by prefixation are found in Drummond's works. Besides emphasizing Drummondian neologisms, we also analyse the significant strength of lexical creations formed by adding negative prefixes.*

**Keywords:** *Drummond; negative prefixes; lexical creation; expressiveness*